

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL

**OS MUCKER EM SÃO PEDRO DO SUL:
IDENTIDADE E MEMÓRIA- (1874-1949)**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Clarice Milani

**Santa Maria, RS, Brasil
2008**

**OS MUCKER EM SÃO PEDRO DO SUL:
IDENTIDADE E MEMÓRIA - (1874-1949)**

por

Clarice Milani

**Monografia apresentada ao
Programa de Pós-graduação em História do Brasil
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS),
como requisito parcial para a obtenção do grau de
Especialista em História do Brasil**

Orientador: Prof. Dr. Luiz Eugenio Vécio

Santa Maria, RS, Brasil

2008

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-graduação em História do Brasil**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialista em História do Brasil

**OS MUCKER EM SÃO PEDRO DO SUL:
IDENTIDADE E MEMÓRIA - (1874-1949)**

elaborada por
Clarice Milani

como requisito parcial para a obtenção do grau de
Especialista em História do Brasil

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Eugenio Vécio (UFSM)

(Presidente/Orientador)

Prof. Dr. Vitor Otávio Fernandes Biasoli (UFSM)

(Examinador)

Prof^a. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)

(Examinadora)

Santa Maria, 16 de Dezembro de 2008

Agradecimentos:

A minha família

Aos amigos de longa data

A família Maurer de São Pedro do Sul

Aos colegas da Pós-Graduação pelos momentos de descontração

Ao Professor e orientador Luiz Eugenio Vécio pela ajuda e dedicação

RESUMO

Monografia de Especialização
Programa de Pós Graduação em História do Brasil
Universidade Federal de Santa Maria

OS MUCKER EM SÃO PEDRO DO SUL: IDENTIDADE E MEMÓRIA - (1874-1949)

AUTORA: CLARICE MILANI

ORIENTADOR: LUIZ EUGENIO VÉSCIO

Local e Data da Defesa: Santa Maria, 16 de Dezembro de 2008.

O presente trabalho tratou sobre a identidade dos descendentes Mucker em São Pedro do Sul, RS, através de Francisco Carlos Maurer, terceiro filho de Jacobina Maurer e João Jorge Maurer líderes do Movimento Mucker, movimento este já incorporado na história Social do Brasil como Movimentos Sociais. O período analisado compreendeu o espaço entre 1874 a 1949, pós-conflito dos Mucker. A pesquisa também procurou descrever a história da vida de Francisco Carlos e os descendentes Mucker através da Genealogia e da pesquisa documental. Procurou-se compreender como, após a repressão do movimento, ele influenciou na vida dos descendentes de Jacobina Mentz Maurer, em geral, e de Francisco, em especial. Procurou-se saber como sua vida e pessoa foi influenciada, ao saber que sua mãe fora a líder da revolta mucker.

Palavras-chave: Movimento Mucker; Movimento Social; História Social do Brasil

ABSTRACT

Specialization Monograph
Post Graduation Program in Brazilian History
Universidade Federal de Santa Maria

THE MUCKER IN SÃO PEDRO DO SUL: MEMORY AND IDENTITY- (1874-1949)

Author: Clarice Milani

Advisor: Luiz Eugênio Vécio

Date and Place of Defense: Santa Maria, December 16, 2008.

The present work has approached the Mucker's descendents identity in São Pedro do Sul, RS, through Francisco Carlos Maurer, the third son of Jacobina Maurer and João Jorge Maurer, the Mucker Movement leaders, which is a Social Movement already incorporated in Social Brazilian History. The period analyzed ranged from 1874 to 1949, representing the Mucker's post conflict. The research also tried to describe Francisco Carlos history of life and the Mucker descendents through the genealogy and documental research. We have tried to understand how, after the movement's repression, it has influenced the life of Jacobina Mentz Maurer's descendents, and particularly Francisco's life. We had the intent of discovering the way how his life and person were affected when he started knowing that his mother was the Mucker Revolt's mother.

Key Word: Mucker Movement; Social Movement; Social Brazilian History

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Francisco Carlos Maurer.....	34
Figura 02 - Francisco Carlos e Augusta Klein com seus filhos.....	36
Figura 03 - Na foto Francisco está á direita em cima de um andaime de calça branca.....	39
Figura 04 - Jacobina Maurer.....	42

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 - Dados pesquisados no livro de Registro I, da Comunidade Evangélica de Hamburgo Velho.	51
Anexo 2 - Genealogia da Família Maurer	56
Anexo 3 - Carta de Rudolfo Maurer, esposo de Lídia Maurer	59
Anexo 4 - Entrevistas realizadas com os descendentes	61
Anexo 5 - Certidão de óbito de Gervin Maurer	70

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	6
LISTA DE ANEXOS	7
SUMÁRIO.....	8
INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I	
1. A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO RS	13
1.1 Os Movimentos Messiânicos.....	16
1.2 O Movimento Mucker no Rs	18
CAPÍTULO II	
2. A FAMÍLIA MUCKER	24
2.1 Jacobina Maurer	25
2.2.Os Mucker em São Pedro do Sul.....	31
CAPÍTULO III	
3. FRANCISCO CARLOS MAURER, VIDA E COTIDIANO.	34
CONCLUSÃO.....	43
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR.....	49
ANEXOS	50

INTRODUÇÃO

Estudar a influência do movimento dos mucker em seus aspectos culturais, social, religiosos e, sobretudo da memória social sobre a população alemã e da identidade desses indivíduos é uma temática que vem sendo abordada por vários pesquisadores¹.

Têm-se discutido o conceito de cultura e memória sob o ponto de vista de identidade étnica e de consciência em relação aos traços culturais religiosos, social entre outros. A cultura e a memória são um produto de um grupo étnico em que a etnicidade pode ser entendida como forma de organização social. Para Pollack²:

“Os elementos constitutivos da memória reiteram que a memória é um fenômeno social construído”. Isso também nos permite afirmar que a memória e a identidade “são valores disputados em conflitos sociais”. Portanto, é preciso estar atento ao fato de que sua construção implica não somente lembrar, como também esquecer”.

Por isso esta pesquisa contempla uma revolta social da colonização alemã no Rio Grande do Sul - o Movimento dos Mucker.

Após cento e trinta e quatro anos do movimento, poucos são os livros que tratam essencialmente do assunto³ e muitas as lacunas sobre ele. Pouco se sabe igualmente sobre os

¹ Daniel Luciano Gevehr vem se destacando nesse trabalho.

² Pollack, Michael. “Memória e identidade Social”, pg.207,1992.

³ Ambrósio Schupp (s/d), Leopoldo Petry (1966), Moacyr Domingues (1977), Janaína Amado (1978). Dichie(1994),Elma Santana (2004).

desdobramentos do movimento, entre eles, as perseguições conhecidas pelos sobreviventes do massacre.

A proposta de trabalho se baseou na bibliografia existente, na documentação sobre o tema e em entrevistas realizadas, através de projeto de pesquisa feito com a família Maurer em São Pedro do Sul, (RS), descendentes do terceiro filho de Jacobina Mentz e João Jorge Maurer⁴.

A pesquisa possibilitou um estudo sobre a identidade dos descendentes Mucker em São Pedro do Sul, migrantes da região de colonização alemã do sul do Brasil. Este grupo étnico era composto por descendentes de imigrantes alemães que entraram no Brasil, no Rio Grande do Sul, a partir de 1824.

Para a compreensão desta identidade foi realizado um resgate da vida cotidiana de um dos descendentes de Jacobina Maurer, Francisco Carlos Maurer a partir das informações obtidas mediante análise da documentação familiar – fotos; certidões de nascimento, de batismo, casamento, etc. – em posse da família e nos arquivos eclesiásticos das Igrejas de Confissão Luterana no Brasil e mediante o uso da História Oral.

O período analisado compreende o espaço entre 1874 a 1949, pós-conflito dos Mucker.

Neste trabalho a religião é desconsiderada como fator relevante de causalidade. A religião, melhor dita, é pensada como um fator empírico. O próprio movimento mucker retrata isso.

Otávio Velho (1988) em seu artigo sobre O cativo e a besta fera fez notar a tendência dos estudos sobre os movimentos messiânico/milenaristas de considerar, primordialmente, seu aspecto de movimento (a dinâmica, o processo), em detrimento de explorá-los como manifestação cultural.

A pesquisa também procurou descrever a história da vida de Francisco Carlos e os descendentes Mucker de São Pedro do Sul, nos seus aspectos econômicos, políticos, sociais, ideológicos, simbólicos, etc.

Procurou-se compreender como, após a repressão do movimento, ele influenciou na vida dos descendentes de Jacobina Mentz Maurer, em geral, e de Francisco, em especial. Procurou-se

⁴ MILANI, Clarice. Projeto de pesquisa realizado durante o curso de Arquivologia na UFSM, 2001

saber como sua vida e pessoa foi influenciada, ao saber que sua mãe fora a líder da revolta mucker.

A pesquisa possibilitou a compreensão de como este grupo social conseguiu manter-se como grupo étnico mediante a manutenção, afirmação e reformulação dos elementos que constituíam sua identidade em diferentes períodos da história.

“As identidades podem dar conta dos múltiplos recortes do social, sendo étnicas, raciais, religiosas, etárias de gênero, de posição social, de classe ou de renda, ou ainda então profissionais”. (PESAVENTO, 2003, p.91).

Nesta pesquisa, resgatou-se a memória familiar dos mucker de São Pedro do Sul, através da historiografia, realizando a técnica de entrevista planejada com familiares e vizinhos que conviveram com Francisco Carlos, analisando como os descendentes de Jacobina lidam com o episódio, que ainda receiam de comentar o assunto.

Assim, pode-se dizer que o objetivo que norteou este estudo foi resgatar a memória dos descendentes Mucker de São Pedro do Sul, através da documentação oral e das fontes documentais, e sobre tudo o trajeto dos imigrantes alemães que migraram do Vale do Rio dos Sinos para São Pedro do Sul (RS).

Para este estudo, foram considerados alguns objetivos entre eles:

- Identificar os descendentes através da genealogia familiar;
- Resgatar a identidade da família Maurer apartir do terceiro filho de Jacobina Maurer;

Este estudo está dividido em quatro capítulos:

O primeiro capítulo trata da Imigração alemã no RS, a chegada, instalação, os problemas enfrentados e as relações culturais, étnico e social.

O segundo capítulo trata sobre o movimento Mucker no RS, a formação do movimento, a seita, seus adeptos, as relações dos mucker em relação aos imigrantes alemães no Vale do Rio dos Sinos e os mucker em São Pedro do Sul.

O terceiro capítulo vai resgatar o terceiro filho de Jacobina Maurer em São Pedro do Sul. Contempla a genealogia da família Maurer, os lugares onde viveram a vida e cotidiano de Francisco Carlos.

Na conclusão, apresenta-se uma reflexão que conjuga os aspectos teóricos, sobre a vida cotidiana, a religião, a memória e identidade dos descendentes mucker a partir do terceiro filho de Jacobina Maurer.

CAPÍTULO I

1. A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO RS

A imigração alemã teve um papel relevante no processo de colonização de diversas regiões do sul do Brasil desde 1824, quando o governo imperial fundou a colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. No contexto de ocupação do território mediante a colonização baseada na pequena propriedade familiar — da qual participaram os imigrantes de origem germânica —, os processos de diferenciação interna, formação de classes e ascensão social aconteceram juntamente com a cristalização da identidade étnica teuto-brasileira, ancorada na especificidade cultural e no “jus sanguinis”, em contraste com os imperativos da assimilação ditados pelo nacionalismo brasileiro como condição da cidadania.

O desenvolvimento econômico, em especial a industrialização de alguns núcleos coloniais, ajudou a dar visibilidade ao grupo étnico teuto-brasileiro. No seu estudo sobre a colonização alemã no Rio Grande do Sul, Roche (1969) mostra que os comerciantes constituíram a única classe que enriqueceu nas colônias, e as indústrias puderam ser implantadas por meio do capital acumulado por eles (denominados "vendeiros") em transações que envolviam a compra dos excedentes produzidos pelos colonos. A situação não divergiu muito no Vale do Rio dos Sinos.

A imigração alemã para São Leopoldo a partir de 1824 trouxe para este lado do Atlântico uma população com uma bagagem cultural diferenciada da que aqui se encontrava, quer pelo idioma, quer pela religião reformada ou a forma de trabalhar a terra. Conseqüentemente, eram portadores de uma outra visão de mundo. Passadas as dificuldades iniciais de adaptação ao novo lugar, imprimiram um ritmo de vida à colônia, onde se incluía o desenvolvimento do seu núcleo urbano. Em 1846, quando a colônia se tornou Vila, os comerciantes vão ganhar espaço de destaque no centro urbano. Eles formarão, junto com os luso-brasileiros, que são os detentores do poder político, a elite local. Por serem em bom número luteranos ou por não terem podido se naturalizar, muitos alemães não terão direito ao poder político local (restrito aos brasileiros católicos, até a época de elevação da Vila à Cidade). Neste período, sua área de atuação será a econômica e a social e o espaço ocupado será o do centro da Vila.

Em São Leopoldo, a organização e desenvolvimento peculiares das comunidades religiosas geraram alguns fenômenos desconhecidos dos imigrantes, afastando-os, a seguir, dos ensinamentos religiosos pregados pela igreja.

Com a chegada e instalação de trinta e oito imigrantes às terras da Real feitoria do Linho Cânhamo, mais tarde, são Leopoldo, em 1824, marca o início da colonização do Rio Grande do Sul com pequenos proprietários. Segundo Tramontini⁵:

“Os imigrantes alemães se definiram como um grupo singular, não só por diferenças culturais, lingüísticas e religiosas (que tiveram papel importante na história desse grupo), mas também por não se acomodarem na dinâmica tradicional das relações de poder do Brasil imperial.”

A província do Rio Grande do Sul foi a que mais promoveu a imigração oficial de origem alemã no Brasil, devido, em primeira instância, ao sucesso alcançado com as primeiras experiências. Segundo René Gertz (1991, p.21), “a ocupação do território assegurava a integridade das fronteiras, razão suficiente para o governo gaúcho fundar, entre 1849 e 1918, 22 colônias com população de língua alemã”.

E para Gean Roche sobre os imigrantes é a seguinte:

⁵ Tramontini, Marcos Justo. A organização Social dos imigrantes: A colônia de São Leopoldo na fase pioneira (1824-1850), p.206, 2000.

“Pode-se dizer que todos os imigrantes alemães que, no século XIX, entraram no Rio Grande do sul, foram tantos habitantes ganhos, pois se instalaram sem intenção de retorno. O Rio Grande do sul teve a oportunidade de acolher, sobretudo alemães originários de zonas rurais, mas de zonas rurais diferentes, de sorte que apresentavam grande variedade de tipos⁶”

As primeiras levas de imigrantes de língua alemã chegada ao Rio Grande do Sul, demarcaram suas terras nas colônias ali estabelecidas.

Para Tramontini sobre a imigração alemã no RS:

“Uma característica do debate historiográfico e religioso, tanto católico como evangélico, sobre valorização da Instituição da igreja e do seu caráter étnico-religioso, em detrimento de sua análise como instância da dinâmica social e histórica da organização do grupo imigrante, ou seja, dos esforços por uma organização religiosa/social dos colonos”⁷

Os problemas relacionados com a ocupação da área originaram um processo curioso; o imigrante alemão, que viera para São Leopoldo com o objetivo de se tornar proprietário, não se fixou por muito tempo no mesmo lote de terra. Facilmente vendia para comprar outro. O que lhe importava era um pedaço de terra para cultivar, em qualquer local.

De 1850 a 1870 foi instalada mais uma série de colônias. Eram em parte de colônias particulares, em parte de associações. Entre elas sobressai Mundo Novo e Padre Eterno, como ampliação da colônia de São Leopoldo.

“Tiveram os süssos um subsídio de 160 reis diários, o que se não deu aos alemães, que logo trataram pelo seu próprio esforço de promover, pela cultura, nas terras que recebiam a própria subsistência”. (PORTO, 1996, p. 37).

A relação econômica mais importante das primeiras décadas foi, certamente, a que se estabeleceu entre comerciantes e as unidades produtivas chamadas "colônias". A palavra colônia tem, na realidade, um duplo significado: designa a área rural (com suas "linhas"), em sua totalidade, e sua fração mínima, o lote ou pequena propriedade familiar do colono — unidade de produção policultura, cujos excedentes, por meio das trocas realizadas nas "vendas", passavam às

⁶ Roche, Jean. A colonização Alemã e o Rio Grande do Sul, p 157, 1969.

⁷ Tramontini, Marcos Justo. A organização social dos imigrantes: A Colônia de São Leopoldo na fase pioneira (1824-1850) p. 162, 2000.

mãos dos comerciantes. Estes, no início, operacionalizavam as transações sem usar dinheiro, em um sistema de trocas no quais os colonos deixavam seus produtos e levavam mercadorias não produzidas na colônia — como ferramentas, equipamentos, sal, querosene, tecido etc. Muitos comerciantes possuíam serrarias e engenhos destinados à fabricação de fubá, açúcar e farinha de mandioca; a matéria-prima, nos dois casos, também era fornecida pelos colonos. Esse tipo de comércio cresceu com a expansão da área colonizada, apesar do início bastante modesto. E cresceu porque os "vendeiros" tinham o controle dos mecanismos que regulavam as transações: arbitravam o valor das mercadorias trocadas, instituíram um sistema de conta corrente (assinando o que era deixado pelos colonos e o que estes levavam em troca, em um processo quase infundável de endividamento dos que produziam menos excedentes). Resumindo, os excedentes econômicos advindos da produção agrícola camponesa acumulou-se nas mãos dos "vendeiros".

A ocupação da terra e as relações políticas, na ex-Colônia Alemã de São Leopoldo, onde o Ferrabrás se localizava, não eram típicas do campo brasileiro da época. À propriedade familiar da terra somava-se o trabalho familiar, a “liberdade religiosa” dos 50% que eram luteranos ou calvinistas e a independência frente à Igreja Brasileira da outra metade. A língua falada era um dialeto originário do alemão, compartilhado apesar das diferentes origens regionais. Mal chegaram ao RS, esses imigrantes participaram de guerras regionais - Guerras Cisplatinas; Guerra Farroupilha; guerra contra Rosas; Guerra do Paraguai. Alguns imigrantes participaram igualmente de posições políticas ou administrativas.

1.1 Os Movimentos Messiânicos

Ao longo da história dos estudos, os movimentos religiosos receberam numerosas designações: "movimentos nativistas", "revivalistas", "messiânicos", "quiliásticos", "milénaristas", "revolucionários" ou "reformistas", "proféticos", "sincréticos", "*deprivation cults*", "cultos de crise", podendo-se ampliar ainda mais esta listagem. Cada uma das fórmulas

revela-se inadequada para definir a realidade complexa e dinâmica dos movimentos históricos, pois destaca apenas uma, ou algumas, de suas componentes: a social, a psicológica, a religiosa, a sincrética, etc.

No Brasil, os termos mais utilizados são "messianismo" e "milenarismo". Vale a pena, portanto, examiná-los mais de perto. Maria Isaura Pereira de Queiroz (1965) critica a utilização das duas expressões como sinônimos; para ela, o messianismo é apenas uma subdivisão do problema do Milênio, sendo este último o Reino Celeste na terra, que pode realizar-se mesmo sem a intervenção humana. Esta postura vem do pensamento de que distingue os dois conceitos como pertencentes o primeiro ao processo social e o segundo à concepção teológica da graça. O Milênio traz consigo o Messias: a consciência messiânica surge no meio social antes de cristalizar-se numa personagem.

Poder-se-ia observar que messias e milênio são conceitos derivados da tradição judaico-cristã, que constitui a base do catolicismo ortodoxo, mas não pertencem aos modos da religiosidade popular no meio rural brasileiro. Elas são, sobretudo, categorias úteis para definir e classificar um tipo de fenômeno religioso que ocorre nas mais diversas culturas e nas mais diversas épocas. Tais categorias – herdadas de uma história religiosa tão hegemônica como a judaico-cristã – foram funcionais também para a recuperação da "dignidade" histórica e religiosa de manifestações e de povos até então "selvagens" e "bárbaros".

Lanternari evidencia nos movimentos os elementos propriamente religiosos, que em Maria Isaura permanecem em segundo plano. Esta específica abordagem leva-o à conclusão de que, sendo os movimentos neo-brasileiros de origem endógena – correspondente de certa forma à anomia interna – eles seriam todos de tipo "evasionista". Enquanto os movimentos de origem exógena buscam uma mudança da realidade de opressão, na forma de luta contra os opressores, os de origem endógena, por sua vez, procuram realizar uma total evasão da realidade e da história, profetizando a volta a uma mítica idade do ouro, renunciando à reação concreta contra as forças hostis.

Conclusão diferente, portanto, da de Pereira de Queiroz⁸, e extremamente fecunda, pois a abordagem ao fato messiânica não se dá apenas pelas categorias sociológicas buscando relações

⁸ Queiroz, Maria Isaura Pereira. O Movimento Messiânico no Brasil e no Mundo. São Paulo. Alfa-Omega, 1977

econômico-sociais encobertas pela ideologia religiosa, mas também por meio de parâmetros de investigação do próprio pensamento religioso: mito, rito, agentes do sagrado e suas relações.

Ao dizer que a comunidade messiânica "vive, organiza-se e luta num espaço e num tempo míticos" Gohn sugere investigar as categorias camponesas que definem este espaço e este tempo como "míticos" e que permitem, a um só tempo, sacralizar a realidade de crise para poder intervir nela e modificá-la.

Os movimentos messiânicos possuem várias determinações essenciais, entre elas a procura da insatisfação coletiva, através da ligação entre o líder religioso e a divindade, caminho para uma vida melhor. "Os messianismos são, em primeiro lugar, movimentos de defesa comunitária; freqüentemente, são também formas indiretas de defesa social". (TOURAINÉ, 1989, p.236).

O discurso escatológico e o apelo à reforma moral diante do iminente fim do mundo introduzem um elemento dramático, que não pode ser reduzido a um objetivo de reconstrução comunitária.

Em outras palavras, poder-se-ia dizer que os nós conceituais a serem analisados residem na dialética que se estabelece entre mito e história, entre sagrado e profano. Na linha que pertence o próprio Vittorio Lanternari⁹ está explícito isto. Explica-se assim a ênfase dada pelo autor ao tema do retorno dos mortos e do herói cultural nos *cargo-cults* da Melanésia, frisando a importância que, nestas sociedades, assume a preexistência de uma cosmogonia passível de ser relida em termos escatológicos.

1.2 O Movimento Mucker no RS

Até pouco tempo, os estudos na área de história social sobre o Movimento dos Mucker era relativamente escassa. Alguns autores como Janaína Amado¹⁰, Elma Santana¹¹, Leopoldo

⁹ Lanternari, Vittorio. As religiões dos Oprimidos: um estudo dos modernos cultos messiânicos. São Paulo.Perspectiva:1974

¹⁰ Conflito Social do Brasil: a revolta dos mucker. São Paulo:Símbolos, 1978.

¹¹ Jacobina Maurer. Tchê! Comunicações Ltda, 1985.

Petry¹², Ambrósio Schupp¹³ de alguma forma, abordavam diferentes visões sobre o movimento social, em sua maioria, para a compreensão do impacto “degradante” causado pela atuação da sociedade, igreja e a própria imprensa que intensificou a difamação dos mucker. E nessa perspectiva, este trabalho relata as fases do movimento na vida cotidiana de um dos descendentes mucker que sobreviveu ao massacre, Francisco Carlos Maurer, filho de Jacobina.

A dramática história desse movimento, no RS já incorporado a História do Brasil, foi narrado primeiramente em língua alemã pelo Pe. Ambrósio Schupp. Ocorrido no século XIX, em Sapiranga (RS), no Morro do Ferrabraz, o movimento causou vários problemas à comunidade local e regional. Liderado por Jacobina Mentz Maurer e o curandeiro João Jorge Maurer, conseguiram reunir adeptos a seita que fundaram.

Quando seu pai faleceu, Jacobina tinha nove anos de idade. Viveu, portanto toda a adolescência e parte de juventude sob os cuidados e autoridade da mãe. As crises de Jacobina na idade adulta manifestavam-se por longos períodos de letargia, nos quais se comportava como uma pessoa totalmente ausente, insensível à dor física.

Segundo Janaína Amado, (1978), a farta documentação sobre o estado de saúde de Jacobina permite concluir que ela teve alguma doença grave na adolescência, mas só começou a ter crises depois de casada, a partir dos 24 anos de idade.

Os adeptos de Jacobina faziam parte da camada mais pobre da população de São Leopoldo.

Permaneceram na área rural, mantendo com o mundo urbano relações distantes e em nível de subordinação, quando o centro de poder e decisão há muito se deslocara do campo para a cidade. Continuaram agricultores, mas a terra, base de sua tentação econômica, tornou-se escassa.

As famílias que aceitaram a liderança de Jacobina haviam regredido economicamente, estes eram na sua maioria evangélicos e analfabetos. A colônia era o lugar onde viviam. Por volta de 1872 os mucker preparavam-se para o fim dos tempos e, para sua salvação deixaram de fumar, de beber, de jogar de freqüentar os acontecimentos sociais, recusavam-se a votar, retiraram seus filhos das escolas e abandonaram a Igreja de confissão Luterana.

¹² O Episódio do Ferrabraz (Os mucker) 2 ed. São Leopoldo: Rotermund, 1966.

¹³ Os Muckers. s/d.

Os adversários conservadores começaram a ironizá-los e a criticá-los por onde passavam. Comentavam que esses mantinham um pacto com o diabo e eram temidos por todos. A partir de 1873, os adversários começaram a se agilizar, fizeram abaixo-assinados para o delegado local tomar providências em relação à presença dos mucker.

Ao estudar o movimento, observa-se que a revolta dos mucker constitui um movimento messiânico, uma ação coletiva que, apoiada em visão religiosa do mundo, transforma seus ideais religiosos em ferramenta para obter objetivos concretos. Para Biehl (1991) os colonos adeptos de Maurer e de Jacobina foram feitos estranhos aos espaços religiosos que haviam construído. Entre as razões desse fenômeno encontra-se a falta de padres que afligia as autoridades eclesiásticas. Ela foi uma das razões da religião criada por Jacobina ter influenciado os colonos da região.

“Há um esforço evidente de moralização dos costumes nos movimentos messiânicos, ou pelo menos de imposição de uma disciplina que seja efetivamente seguida pelo líder¹⁴”.

Para Giumbelli¹⁵, a tendência das análises dos movimentos messiânico/milenaristas brasileiros remeterem às relações entre, de um lado, coronelismo, (e/ou) catolicismo popular, (e/ou) ruptura da ordem social (nas vertentes - 1. Da distinção entre protestos religiosos e protestos seculares e - 2. da relação entre religião e classe social) e, de outro, os movimentos religiosos. A perspectiva de Lanternari (1974) também é posta em questão neste caso.

A experiência religiosa está, histórica e culturalmente ligada à busca humana pelos objetos desejados. Mas é preciso que se investigue as causas sociais que motivam o desejo de transformações parciais ou totais de uma determinada sociedade. Dessa forma, os desejos de que um líder possa trazer um período de concretização dos sonhos coletivos nascem do desencanto e frustração com determinada ordem social e suas formas de programar a ação social, com vistas aos objetivos de se alcançar uma vida humana de melhor qualidade.

Dessa situação observamos que Jacobina Mentz e seu marido João Jorge Maurer estavam completamente isolados no Ferrabraz, então foi uma forma de buscar a saída dos problemas de ordem social e econômica atraindo adeptos para o movimento.

¹⁴ Queiroz, 1977, p.319.

¹⁵ Giumbelli, Emerson. Religião e (dês) ordem social: Contestado, Juazeiro e Canudos nos estudos sociológicos sobre movimentos religiosos. In: DADOS. 1997. 40; 2 p.251-282

Portanto, situações como essas podem tanto desencadear um processo de fuga como também gerar novas formas de estruturar a vida social, provocando uma reorganização das fronteiras e a geração de uma ordem social alternativa.

Quando Rotermund chega ao estado, encontra a oposição dos jesuítas em relação aos protestantes, a campanha desencadeada na era Birmarck contra a interferência da Igreja Católica nos negócios do Estado, o movimento dos Mucker, visto como fanatismo religioso.

Alguns estudos como o de Janaína Amado classificam o movimento dos mucker como fanatismo religioso, mas sabemos que a falta de condições financeiras, recursos materiais, vivendo em condições precária, falta de assistência médica, determinou uma realidade onde o curador constituía um apoio à comunidade. Considerado o doutor maravilhoso, João Jorge Maurer, marido de Jacobina, era um desses curadores que, com seus chás e remédios caseiros ajudara a comunidade. . No jornal *Deutsche Zeitung*, Koseritz se dedica a criticar a política brasileira e a Igreja de forma mais explícita. Ele aproveitou ainda o episódio dos Mucker para fazer comentários contra o espírito religioso, onde o desenrolar daqueles fatos não caracterizavam o verdadeiro espírito alemão, mas uma experiência de fanatismo, inerente a todos os crentes (Koseritz, 1879, p. 133-41).

O messias é o ponto centralizador, que promove, ordena e domina o grupo messiânico em sua estrutura e organização¹⁶. Mais comumente, os movimentos sociais de caráter religioso não procuram *subverter* a ordem social.

O poder dos movimentos sociais é sua dimensão interna gerada pela capacidade de mobilizar e manter o controle sobre o grupo de seguidores. Para (GOHN, 1997, pg. 29) “Os líderes não seriam causas – estopins – dos movimentos, mas sim agentes apaziguadores”.

A revolta dos Mucker, que teve seu fim trágico em 1874, apresentava-se como um movimento que se opunha a qualquer indiferenciação social.

Existiam rivalidades nas igrejas das colônias, pois padres católicos e pastores protestantes queriam aumentar seus rebanhos. Entretanto, nada indicava que esse conflito ultrapassaria os limites normais. Como vimos, nas colônias alemãs, a falta de pastores levava a que colonos comuns exercessem os atos do culto:

¹⁶ QUEIROZ, 1976.

“Em decorrência da escassez de pastores ordenados, esse sistema, evidentemente, abria a porta a indivíduos menos qualificados e moralmente pouco idôneos, que, atraídos pela projeção que acarretavam aquelas funções, poderiam ser tentados a valer-se delas para se promoverem socialmente”.¹⁷

Desiludidos pela vida, e regredindo economicamente, a comunidade de colonos de língua alemã em questão procuraram lenitivo espiritual nas profecias de Jacobina Maurer, Isso acabou por formar uma seita de fanáticos que passaram a segui-la, e acreditando em seus ensinamentos. Em suas reuniões noturnas, Jacobina tinha sempre como exemplo as passagens da Bíblia, principalmente os evangelhos de Lucas e Mateus onde anunciavam o fim dos tempos. Para Diehl (1991, p. 157) “somente a 14 de março, aproximadamente um ano e cinco meses antes do extermínio Mucker, o movimento é citado nos jornais”. Os adeptos eram em sua maioria protestantes: porém alguns católicos. Os Mucker abandonaram as igrejas católicas e protestantes, tiraram seus filhos das escolas, não votaram nas eleições municipais. Jacobina era a líder e todos a obedeciam.

“O movimento “*mucker*”, em sua faceta religiosa, também foi uma criação popular, livre e desligada dos padrões oficiais: explicou o mundo à maneira dos adeptos¹⁸”.

Percebe-se que o conflito como resultado do fanatismo e da ignorância seria a falta de orientação e esclarecimento dos colonos, especialmente em relação aos assuntos religiosos.

Para o autor Leopoldo Petry “O assunto preferido dessas prédicas girava em torno do fim do mundo e Jacobina comprazia-se em pintar, com as côres mais vivas, os castigos que iam recair sobre os inimigos de sua doutrina e os prêmios e gozos reservados aos que lhes permanecessem fiéis”¹⁹.

Conforme Dickie (1999) Os casamentos foram desfeitos e re-feitos sob a benção de Jacobina, tendo ela mesma trocado de marido em busca do que um adepto chamou de “mais força espiritual”. As curas foram um prenúncio do mundo sem males onde reinaria a luz. Mundo cuja expectativa não só redefiniu a vida, mas a morte. A morte era do corpo e da alma, que ressuscitariam, aqui na terra.

¹⁷ Domingues, Moacyr. A nova face dos mucker. P. 21, 1977.

¹⁸ AMADO, Janaína. 1978, p 139.

¹⁹ PETRY, 1966 p. 50

Antes da tragédia Jacobina deixou uma carta mencionando onde deveria ficar os cinco filhos. Após os fatos, capturados, eles foram levados para Porto Alegre e entregues para quatro famílias. Jacob entregue a Francisco Xavier; Henrique à Nicolau Burkenfeld Filho; Francisco Carlos e Matilde à Germano Traub; Aurélia, o destino não foi citado.(SANT'ANA, 1985).

Em relação às crianças, SCHUPP comenta que:²⁰

“Jacobina mandara degolar o próprio filho, criança de peito, para que o choro desta não descobrisse o seu esconderijo; ordenando mais que, em dia determinado, se fizesse o mesmo a tôdas as crianças menores de cinco anos; pois, assim como o Salvador fôra salvo pelo sangue dos recém-nascidos, assim também ela deveria ser salva pelo sangue das crianças de tenra idade”.

Mas com o fim trágico dos Mucker, em dois de Agosto de 1874, no Morro do Ferrabraz, em confronto com as forças do governo imperial, foram mortos dezesseis adeptos de Jacobina, que se refugiaram com ela. “Não escapou um só Mucker. Ao redor da choupana, 17 cadáveres jaziam estendidos, entre eles quatro mulheres”. (BARBOSA, 1984, p.49).

Os mucker foram tratados como pessoas diferentes, mal vistas, os adversários criaram uma identidade negativa, denegrindo a imagem do grupo. Nas obras que tratam o movimento dos mucker existem diversas opiniões diferentes a respeito.

Gevehr (2007), considera as obras situadas no início do século XX ainda de forma negativa, apresentando termos e adjetivos que permite denegrir a imagem mucker.

²⁰ Schupp, Ambrosio. Os Mucker. P.277, (19...)

CAPÍTULO II

2. A FAMÍLIA MUCKER

Dickie²¹ é uma das poucas autoras que se detém no aspecto religioso do evento Mucker. Após examinar o contexto religioso europeu de onde partiram os imigrantes, explora relatos sobre o movimento feitos pelos pastores Rotermund e Schmierer, que atuaram em São Leopoldo imediatamente após o desfecho do conflito. Com opiniões antagônicas, os pastores responsabilizam pelo fenômeno ora a ignorância dos colonos, ora o abandono dos emigrados de parte da Igreja Alemã, ora a maçonaria e os políticos locais, ferrenhos a-religiosos; ora a esperteza dos Maurer.

Eles também louvam a piedade genuinamente evangélica dos Mucker. Interpretando a opinião dos pastores, a autora conclui que os Mucker evidenciam "um choque entre uma piedade reavivalista e duas frentes que se lhe opõem: o cristianismo iluminista e o ateísmo materialista, mesclado com um mal digerido darwinismo." Eles apresentam uma "piedade popular em luta com seus detratores. Há lamento sobre a situação em que se encontra a Igreja, muita leitura bíblica, culto doméstico, seriedade ética. A seriedade ética e moral leva-os a ser "consciência" da Colônia, o que, naturalmente, vai levar à reação." Ao final a autora pergunta se ao invés de

²¹ DICKIE, Maria. A. Schmidt. Milenarismo em contexto significativo: os Mucker como sujeitos. 1999.

caracterizar os Mucker como reação ao projeto de sinodalização da Igreja, não estariam eles reagindo à Igreja dos pastores-colono, apoiando a clericalização.

Gevehr (2007) em seu trabalho sobre os mucker afirma que a idéia que se construiu acerca dos mucker, disseminada na colônia de São Leopoldo, nada mais é que o resultado do trabalho incansável de autoridades locais e de pessoas que se dominavam mais instruídas, que tinham por finalidade prejudicar o grupo do Ferrabraz.

2.1 Jacobina Maurer

Jacobina Mentz Maurer nasceu em 1842 na capela da Piedade, atualmente Hamburgo Velho. Seu pai era Andréas Mentz e sua mãe chamava-se Maria Elizabeth Muller. Teve sete irmãos, Francisco, Pedro, Catarina, Henrique, Jacó, Maria Elisabeth e Carolina. Em dez de julho de 1851, Andréas Mentz faleceu. Jacobina tinha nove anos quando morreu o progenitor e a perda do referencial paterno na infância foi uma catástrofe que repercutiu em toda a sua vida. A confirmação de Jacobina, batizada como Jakobine, realizou-se em dois de abril de 1854, recebendo a santa ceia na Igreja de Confissão Luterana.

No anexo nº 1 informo os dados pesquisados no livro de Registro I, da Comunidade Evangélica de Hamburgo Velho.

Jacobina casou-se em vinte e seis de maio de 1866 com João Jorge Maurer, na capela da Piedade. Durante um ano, o casal morou com a mãe de Jacobina, mas a partir de um desentendimento com sua irmã mais nova Carolina, o casal transferiu residência para um lote ao norte da Picada do Ferrabraz, que Maurer comprou de seus cunhados.

João Jorge era evangélico, analfabeto, lavrador e marceneiro de profissão. Aprendeu o curandeirismo e passou a praticá-lo. Em 1872, já era curandeiro famoso na região e passou a ser

chamado de *Wunderdoktor* (significava “doutor maravilhoso”). Na idéia de Gevehr em relação ao médico e a profetiza relatada:²²

“É, portanto nesse ambiente que o carpinteiro que se fizera médico (João Jorge Maurer) e a profetiza (Jacobina Maurer) se aproveitam da suposta inocência e desamparo dos colonos para introduzirem suas idéias e práticas de cura e religião para aqueles que se encontravam no desamparo.”

Francisco foi o único irmão de Jacobina que não aderiu à seita. João Klein, membro da seita, era o escrevente oficial da profetisa. Escrevia as cartas para Jacobina e uma delas foi escrita para Francisco, seu irmão onde fazia o seguinte apelo: “volta e deixa o tumulto do mundo”. Francisco Mentz ignorou o apelo e a partir daí romperam definitivamente os laços fraternais.

Não há dados concretos, mas estima-se que entre crianças, jovens e adultos somavam-se cento e setenta pessoas participantes da seita. Amado (1978) comenta que os adeptos faziam parte da camada mais pobre da população de São Leopoldo.

As famílias que aceitaram a liderança de Jacobina haviam regredido economicamente, os adeptos em sua maioria eram evangélicos e analfabetos. A colônia era o lugar onde viviam. Por volta de 1872, os mucker preparavam-se para o fim dos tempos e, para sua salvação, deixaram de fumar, de beber, de jogar, de freqüentar os acontecimentos sociais, recusavam-se a votar, retiraram seus filhos das escolas e abandonaram a Igreja de Confissão Luterana. Para Elma Sant’Ana (2004) nesse período começa a ascensão de Jacobina e o declínio da influência do curandeiro Maurer.

Os Adversários conservadores começaram a ironizá-los e criticá-los por onde passavam. Comentavam que esses mantinham um pacto com o diabo e eram temidos por todos. A partir de 1873, os adversários começaram a se agilizar, fizeram abaixo-assinados para o delegado local tomar providências em relação à presença dos mucker. Para Biehl

“Mucker é uma marca traumática no Sul: o ato de uma luta real pela morte de Jacobina *in vivo*. Mucker foi concebido como “uma força demoníaca em ação”, como uma palavra literal para a morte somática e social naquele mundano, “derivando sua força de sua inexplicabilidade... uma desconfortável sensação de assombração ao invés de uma aparição presente”. (BIHEL, 1999, p. 163)

²² Gevehr, Daniel Luciano. Fanáticos, violentos e ferozes liderados por Jacobina Endiabrada. As representações anti-mucker em “O ferrabraz” (1949- 1960). P.19, 2003.

O clero também teve sua participação. Padres e pastores procuravam advertir os fiéis contra Jacobina, proclamando em seus sermões que ela era sedutora de homens, prostituta, bruxa, embusteira. No processo de comunicação e nas relações de poder, os fiéis aceitavam as palavras dos padres e dos pastores. Para Gevehr:²³

“As representações construídas sobre os mucker, no final do século XIX, apontam-nos como os únicos responsáveis pelos acontecimentos. As interpretações feitas sobre o movimento, desde o final do século XIX até os dias atuais, podem ser bem mais compreendidos se considerarmos o processo de construção das diferentes representações sobre os mucker, identificando interesses e contextos.”

Em oito de maio de 1873 veio a primeira intervenção da polícia. Abriram uma sindicância para apurar o que os Maurer faziam em suas casa, onde eram realizadas reuniões com a presença de mais de cem pessoas. Os Maurer foram intimados e negavam que tivessem cometido algum crime. Jacobina não foi depor em São Leopoldo, pois estava doente. Mas em vinte e dois de maio, ela foi levada de carroça em estado de sono profundo numa viagem de oito horas. Foi chamado um médico para atendê-la. Não constava nenhuma alteração em sua saúde, mas não conseguiam tira-la do sono profundo, nem com aplicações de injeções enérgicas e nem com a inspiração de amoníaco. Ela somente acordou depois que seus adeptos, que a acompanhavam, entoavam cânticos religiosos. Porém, o casal continuou detido.

Segundo Janaína Amado (1978), somente quarenta e cinco dias depois de detidos é que foram soltos e mandados embora. João Jorge ainda teve que assinar um “termo de bem-viver” onde não poderia usar armas, fazer reuniões e perturbar a tranqüilidade alheia.

A partir de outubro de 1873, começaram a ocorrer fatos que foram relacionados com os mucker, como o desaparecimento de um senhor habitante de Sapiranga, opositor aos mucker, que fora encontrado morto no outro dia. Dias depois, o septuagenário Pedro Hirt suicidou-se após ter recebido a visita de Maurer.

Conforme Biehl (1999) “Muitos dos próprios parentes e vizinhos que haviam participado das reuniões ao redor dos sonhos e interpretações bíblicas de Jacobina trabalharam junto com a polícia através de acusações e aprisionamentos e, mais tarde, juntou-se às forças militares na derradeira guerra”. (BIEHL, 1999, p.160)

²³ Gevehr, Daniel Luciano. Fanáticos, violentos e furiosos liderados por Jacobina Endiabrada. As representações anti-mucker em “O Ferrabraz” (1949-1960), p. 19, 2003.

Constam nos processos contra os mucker, preservados no Arquivo Histórico do Rio Grande do sul e no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, que pessoas atiravam pedras por onde eles passavam, ateavam fogo nas roças, roubavam as roupas, os cavalos e o dinheiro dos colonos mucker. Os adeptos da seita se afastaram por completo da sociedade.

Jacobina ministrava os sacramentos, sendo que as crianças nascidas, filhas dos mucker, eram batizadas pro ela. Até um casamento foi realizado por Jacobina. Os adeptos não eram mais sepultados no cemitério evangélico, passando a ser sepultados nas próprias roças. Para Janaína Amado:²⁴

Os adeptos de Jacobina professavam em sua grande maioria a religião protestante, representando os católicos parcela ínfima dos “mucker”. A religião em São Leopoldo esteve durante muitos anos á mercê dos colonos; estes a transformaram numa criação popular onde a semelhança com as religiões oficiais era apenas aparente, lembranças de ritos e crenças cujo significado se transformou com o passar dos anos”.

Os jornais locais da zona de São Leopoldo e os da capital de Porto Alegre publicavam inúmeros artigos sobre os mucker, causando temor e pânico nas regiões. Sob a ótica dos mucker, as autoridades locais eram os seus piores inimigos.

Baseada no Novo Testamento, Jacobina comentava, sobretudo, os capítulos de Lucas e Mateus, onde Jesus anunciava o fim dos tempos, e dizia ter visões que o fim estava próximo. O cerimonial dirigido por Jacobina era sempre o mesmo. Os fiéis identificavam a líder como uma inspiração divina. Numa aura mística, ela surgia pela porta do quarto vestindo uma camisola branca com grinalda de flores na cabeça. Eles escutavam as pregações e as explicações da bíblia, entoavam cânticos religiosos que eram cópias manuscritas retiradas do livro de Cânticos para a Comunidade Evangélica. Comiam e depois se retiravam para suas casas. Os adeptos acreditavam serem os agentes de Deus com a missão de fazer justiça na terra. "Privados de qualquer tipo de assistência, vivendo num mundo onde sobreviviam os fortes de corpo e espírito, aprenderam a acreditar mais neles mesmos que em qualquer outra coisa". (AMADO, 1978, p.61).

No final de 1873, Maurer viaja ao Rio de Janeiro para pedir ajuda ao Imperador. Rodolfo Sehn ocupa o lugar de receptáculo das mensagens de Jacobina. Tornou-se então o conselheiro da verdadeira líder. A população, o clero e as autoridades consideravam um escândalo o que havia

²⁴ Amado. Janaína. Conflito Social no Brasil: A revolta dos Mucker, p. 138, 1978.

ocorrido. Segundo eles, Jacobina promovia a desordem noturna no morro do Ferrabrás e trocava de parceiros sexuais. Acreditavam que Jacobina aceitara Rodolfo Sehn como amante. Porém não havia provas documentais ou testemunhais quanto a isso.

A revolta tomou conta da população. Na noite do dia vinte e cinco de julho de 1874, os mucker, em massa, desceram o Ferrabrás e fizeram uma matança terrível na circunvizinhança. Quando o dia amanheceu, Sapiranga estava mergulhada no sangue e na tristeza. Inimigos e parentes que não aceitaram a seita foram atacados. Ninguém foi poupado, crianças, mulheres, jovens, famílias inteiras foram queimadas em suas casas.

Tomados de pânico, os colonos conservadores organizaram um ataque aos mucker, juntamente com o Coronel Genuíno Sampaio e praças no dia vinte e oito de junho, onde foram recebidos à bala pelos mucker no meio do mato e estes foram vencedores. Houve muitos mortos e feridos no confronto. A notícia da derrota espalhou-se pelas regiões do Rio Grande do Sul. Genuíno Sampaio reforçou seus homens, pediu mais forças, cerca de quinhentos homens, muita munição e quatro canhões. Em dezenove de julho, atacaram os seguidores de Jacobina, que resistiram com ímpeto e muita munição. As forças de Genuíno Sampaio conseguiram se aproximar da fortaleza e atearam fogo, fuzilando quem dentro estava. Os soldados foram extremamente violentos com todos, inclusive com mulheres e crianças.

Vários Mucker conseguiram escapar para o mato, inclusive Jacobina. No outro dia, atacaram de surpresa as tropas que estavam no acampamento. O Coronel Genuíno Sampaio foi baleado, não resistindo aos ferimentos. A notícia se espalhou por todo o Rio Grande do Sul. Observa-se que a força atuante do Estado se contra-põe à imagem dos mucker. Enquanto as forças oficiais de Genuíno Sampaio são representadas como a ordem e o progresso, os mucker são vistos como desordem e regresso.

Na concepção de Daniel Gevehr (2007, pg 28) sobre a representação social do grupo é que: “o Primeiro momento do processo de construção de uma memória social sobre os mucker se concretizará na construção do monumento em homenagem ao Coronel Genuíno Sampaio”. Na véspera do dia dois de Agosto de 1874, chegou ao acampamento o mucker Carlos Luppa, o traidor, revelando o esconderijo de Jacobina e a seguir entregou-se as autoridades.

Os adeptos haviam construído trincheiras. Naquele mesmo dia, os adversários de Jacobina, divididos em grupo, chegaram ao morro do Ferrabrás. Depois de algumas horas os

mucker. Depois de algumas horas os mucker estavam destruídos. No último combate, morreu Jacobina e mais dezessete membros da seita. Rodolfo Sehn e Jacobina, com fogo por todos os lados, morreram abraçado, o que poderia atestar que eram amantes.

Há indícios de que Jacobina teria matado a filha de três meses para não ouvirem o choro da criança e descobrirem o esconderijo. Para a autora Elma Santana (1985) a filha se chamava Leidart que significa em alemão “duro no sofrimento”. Ninguém tem certeza desse fato, mas uma criança foi encontrada degolada pelos paisanos no meio do mato. Tempos depois foram encontrados dois corpos enforcados em estado de putrefação, um deles foi reconhecido como o de João Jorge Maurer, pelo alfaiate, através da roupa que usava. Há dúvidas se ele havia se suicidado, pois suas mãos estavam amarradas nas costas. Comentavam que João Jorge fora visto em Uruguaiana anos mais tarde. Aqueles acontecimentos finais foram nebulosos.

Segundo Barbosa (1984, p.49) “As cornetas soaram estridentes, vibrantes, alegres, festivas, ecoando pro vales e quebradas, anunciando a vitória e o advento da paz àquelas paragens, por onde corra tanto sangue”. Depois da tragédia, os remanescentes sofreram muitas perseguições. Com intervalos, o movimento Mucker durou por mais de trinta anos. As autoridades temiam sempre que as famílias Mucker começassem a se visitarem, para renascer o movimento ou outro no gênero. Nos textos de Dickie:²⁵

“Dos últimos depoimentos Mucker, nos processos judiciais, fica a idéia de que as mortes dos companheiros e de Jacobina, a prisão de outros e a aparente dizimação do grupo não significaram um verdadeiro fim. A ressurreição para o novo mundo era parte importante das mensagens de Jacobina”.

As crianças mucker, detidas em Porto Alegre, foram entregues a famílias alemãs para serem criadas. Os mucker que sobreviveram foram julgados e condenados. Todos esses acontecimentos não se deteve somente ao período do movimento. Os mucker sobreviventes que partiram para outros lugares sofreram várias perseguições. Viviam isolados, perderam sua identidade e sua auto-estima. Depois da tragédia em 1874 o conflito prosseguiu, tendo seus desdobramentos em outras localidades para as quais as famílias mucker haviam se transferido.

²⁵ Dickie, Maria A. S. Afetos e circunstâncias: Um estudo sobre os mucker e seu tempo. P.248, 1999

O próprio medo constante de novos vizinhos, de que poderiam reorganizar-se em torno da suposta seita, são exterminadas pelas mãos dos próprios colonos, que entendiam-se como a própria justiça. (GEVEHR, 2003, pg. 20)

2.2.Os Mucker em São Pedro do Sul

O ritmo das transformações das relações sociais e de trabalho no campo transforma as noções de “urbano” e “rural” em categorias simbólicas construídas a partir de representações sociais que, em algumas regiões, não correspondem mais a realidades distintas cultural e socialmente. Torna-se cada vez mais difícil delimitar fronteiras claras entre as cidades e os pequenos vilarejos a partir de uma classificação sustentada em atividades econômicas ou mesmos em hábitos culturais. No entanto tal processo não resulta, a nosso ver, numa homogeneização que reduziria a distinção entre o rural e o urbano a um continuum dominado pela cena urbana, como já foi formulado no tocante à realidade européia.

Cabe sublinhar que o reconhecimento de um determinado espaço como próprio ao indivíduo, à família e ao grupo mais amplo, é informado pela memória coletiva herdada de gerações anteriores. A memória coletiva informa também as mudanças adaptativas do grupo ao sugerir respostas aos novos estímulos ou obstáculos, um grupo que não tem memória de seu passado teria, sem dúvida, alguma dificuldade de desdobrar a imaginação de seu futuro através de tomadas de consciência sucessivas. Nessas representações sociais sobre os mucker em São Pedro do Sul, observa-se que Mucker tentavam apagar da memória coletiva dos descendentes alemães o que o movimento em Sapiranga influenciou nos descendentes de imigrantes alemães.

São Pedro do sul, (RS) localizada a 35 km de Santa Maria, guarda em sua memória histórica, diversas passagens de famílias que constituíram sua história. LEAL, (1996, p. 46), observa que: “A colonização destes imigrantes aconteceu de uma forma desorganizada, sem qualquer planejamento, o que acabou se constituindo em sérias dificuldades para a organização das colônias alemãs”. No anexo 3 encontra-se uma carta de Rudolfo Maurer, casado com Lídia Maurer uma das filhas de Francisco Carlos, onde fala da situação da lavoura de Serro Claro em

1950, a carta acabou não sendo remetida pra seu sobrinho, e foi encontrada no meio de um colchão de palha e guardada por Leni Maurer trineta de Jacobina e neta de Lídia Maurer.

Atualmente, o estudo das representações sociais constitui um vasto campo de pesquisa, englobando uma variedade de temas, visto que se relaciona a qualquer objeto social transmitido por meio da comunicação e que tenha relevância para o grupo, fazendo parte de suas práticas cotidianas. Uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Sendo elaboradas no âmbito das relações sociais, a partir das trocas e práticas que ocorrem na esfera de um contexto histórico-cultural, as representações sociais fornecem os fundamentos para os julgamentos e as atitudes e, como no caso dos Mucker em São Pedro do Sul como um sistema de interpretação, são capazes de conduzir a nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e as comunicações pessoais.

Comunidades do interior de São Pedro do Sul como Poço Redondo, Guassupi, Cerro Claro, são lugares onde vivem grande parte de imigrantes e alemães da região.

O lugar onde vivem os imigrantes é uma referência importante para a compreensão do papel dos meios na vida das pessoas, pois as características do lugar determinam um estilo de vida, um modo de andar, de comer, de se divertir, de conviver com os amigos e familiares. São Pedro do Sul tem um ritmo de vida de uma cidade pequena do RS, onde as pessoas têm um convívio familiar que ultrapassa a relação entre pais e filhos, estendendo-se aos tios, primos, sobrinhos e avós.

Efetuada uma análise mais atenta percebemos o inter-relacionamento sócio-cultural dessas comunidades compostas por descendentes de imigrantes alemães que procuram manter com empenho as tradições trazidas pro seus antepassados. Para Cunha (2003), a etnicidade de imigrantes alemães e de seus descendentes não depende do isolamento social ou geográfico do grupo. Ao contrário, ela é construída a partir de relações interétnicas definidas por ações recíprocas entre membros de um grupo étnicos e aqueles considerados como outsiders.

Em São Pedro do Sul, município da região central, descendentes de um dos filhos de Jacobina Maurer não só relembram a saga dos antepassados, mas também tentam juntar os fragmentos perdidos da história. Francisco Carlos Maurer casou-se com Augusta Klein em 1º de

julho de 1893 em São Leopoldo. Partiram então de trem para São Pedro do Sul em busca de vida nova. Nos depoimentos que segue (anexo 4) Guilherme Otto Maurer, relata que:

“(...) A vovó Augusta Klein era muito feia, e ninguém queria casar-se com ela então o pai dela ofereceu ao pretendente que a aceitasse, um dote bem mais alto do que era considerado na época”. E o vovô Francisco Carlos gostou da vovó Augusta e resolveu então casar-se com ela. “O vovô tinha somente uma muda de roupa e a vovó um enxoval completo.”

Resolveram partir então para Poço Redondo interior de São Pedro do Sul, onde já haviam se instalados alguns migrantes alemães que também partiram da região do Vale do Rio dos Sinos. Comprou duas colônias de terras sem olhar antes. Segundo Guilherme uns quarenta e oito hectares.

E na comunidade de Poço Redondo é que vai ser iniciada a vida e cotidiano de Francisco Carlos descendente mucker da região do Vale do Rio dos Sinos.

Os depoimentos apontam que Francisco Carlos, filho de Jacobina, participava ativamente de todas as atividades ligadas à comunidade de Poço Redondo e região. Era uma figura de muito prestígio e influência dentro do grupo de imigrantes alemães da região. Era um dos proprietários que mais possuía terras. Era carpinteiro e marceneiro nas horas vagas. Anos mais tarde, como a comunidade de Poço Redondo enfrentava muitos problemas como estiagem, a falta de escolas, o acesso à cidade era difícil e os filhos de Francisco não frequentaram a escola resolveu ir morar na cidade de São Pedro do Sul pelas condições financeiras já consolidadas e pelas oportunidades que a cidade oferecia.

Dessa forma nota-se o caráter centralizador que uma determinada construção identitária pode representar, bem como suas respectivas relações de poder e controle social entre os idealizadores de tal intento, enquanto elementos integradores e socializadores dessa representação.

A identidade cultural e a memória reforçam-se mutuamente. Sabemos de onde viemos. Conhecemos as nossas raízes. Distinguimos o que nos une e o que nos divide. Estamos aptos a entender que cultura e memória são faces de uma mesma moeda e que a atitude cultural por excelência está no lembrar, no recordar, no assumir da importância de aprender com a experiência e com o que nos rodeia - desde os testemunhos construídos ou das expressões da natureza aos testemunhos vivos.

CAPÍTULO III

3. FRANCISCO CARLOS MAURER, VIDA E COTIDIANO.

Através do resgate familiar dos mucker, identificou-se em São Pedro do sul, o terceiro filho de Jacobina Mentz Maurer, Francisco Carlos Maurer (Figura 01).



Fonte: Arquivo Privado de Leni Maurer
Figura 01 - Francisco Carlos Maurer

Ao usar a história oral como um dos métodos deste trabalho predominou-se a preocupação com os conceitos de identidade e de construção da memória.

Ultimamente tem aparecido certo número de publicações que dizem respeito, a identidade dos mucker, ora ao problema da memória, ora ao problema da identidade.

No caso das entrevistas realizadas, sobre tudo entrevistas de história de vida, é óbvio que o que se recolhe são memórias individuais, ou se for o caso de entrevistas de grupos, memórias coletivas, e o problema aí é saber como interpretar esse material.

Deve-se lembrar também que a maioria das memórias existe marcos ou pontos relativamente invariáveis, como é o caso do depoente Guilherme Otto Maurer, que nos depoimentos retoma o movimento mucker e em especial os fatos ligados a Jacobina Maurer. No decorrer das entrevistas que se tornavam relativamente longas, em que a ordem cronológica não estava sendo necessariamente obedecida, os depoentes voltavam várias vezes aos mesmos acontecimentos. Nas entrevistas com os demais depoentes também quando se tentava recolher dados da vida cotidiana de Francisco Carlos o assunto voltava-se para o próprio movimento.

Para a realização deste trabalho foram entrevistadas pessoas relacionadas a Francisco Carlos Maurer, como seu Waldomiro Maurer, falecido pouco tempo depois da realização da entrevista. Nos depoimentos seu Waldomiro²⁶ conta que:

“Quando criança eu gostava de ir brincar na casa de Francisco, porque como ele era carpinteiro, havia fabricado um petiço de madeira para as crianças brincarem. O Francisco era homem justo e emprestava dinheiro a juros para os vizinhos e não tinha pressa em receber.”

Locais fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, ou de muitos anos já se passados podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e, por conseguinte da própria pessoa, seja pela própria identidade, seja por pertencimento a esse grupo. Aqui estou me referindo ao exemplo de quando se Waldomiro era criança. A memória da infância com seu Francisco podem fazer parte da herança da família que se transforma praticamente em sentimento de pertencimento. Outro exemplo seria o espaço da memória vivenciada com os filhos de

²⁶ Depoimento, Waldomiro Maurer, Outubro 2001.

Francisco, onde a lembrança foi mantida de tal maneira que o lugar se tornou formador da memória. Para Pollak²⁷:

“O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro.”

Neste trabalho ainda usou-se a genealogia que desempenhou um papel importantíssimo na realização da pesquisa. Através dessa ciência ficou sendo conhecida uma parte da história da geração pós Jacobina. Segundo Eneida Richter²⁸ (1999, p 79) sobre a pesquisa genealógica:

“Há duas espécies de pesquisa genealógica: genealogia ascendente e genealogia descendente. A genealogia ascendente parte do indivíduo e apresenta todos os seus antepassados, na linha agnática (varonil) e na linha cognática (feminil). A genealogia descendente começa com um casal e apresenta toda a sua descendência e é desenvolvida de forma descritiva”.

Para melhor entender a descendência de Jacobina Maurer, segue quadro descritivo genealógico no anexo 2.

Abaixo a foto da família de Francisco Carlos Maurer (Figura 02)



Fonte: Arquivo Privado de Leni Maurer
Figura 02 - Francisco Carlos e Augusta Klein com seus filhos

²⁷ Pollak, Michel. Memória, esquecimento e silêncio, 1989.

²⁸ Eneida Richter. Introdução à Arquivologia, p.79, 1999.

Nos depoimentos Leni Maurer²⁹ comenta que:

“... A vovó Lídia, filha do Francisco, casou-se com um Maurer, mas ele não tinha nenhum parentesco com a Jacobina. Também me casei com um Maurer que também não possui parentesco com Jacobina (...) Eu sempre fui curiosa e quando criança eu queria saber sobre a Jacobina, mas meu pai o Guilherme não queria conta nadar porque dizia que era uma vergonha o que tinha feito a Jacobina.”

Aqui a memória de Leni é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada.

O segundo filho de Francisco, Gervin faleceu em vinte e dois de dezembro de 1913. No anexo 5 consta a certidão de óbito de Gervin, constando os nomes dos avós paternos, Jacobina Maurer e João Jorge Maurer. Nos depoimentos seu Guilherme relata o que o seu avô Francisco contava:

“(...) o Gervin havia feito um pacto de morte com um amigo, eles foram para suas casas e se enforcaram ninguém nunca soube o certo o motivo, o vovô dizia que era o medo de enfrentar o quartel. O vovô Francisco nunca perdoou o Gervin por ter cometido suicídio. Quando ele morreu, o vovô pediu que um vizinho fosse registrar o óbito do Gervin.”

Esse último elemento da memória - a sua organização em função das preocupações pessoais do momento mostra que *a memória é um fenômeno construído*. Quando se em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.

Após o conflito dos mucker no morro do Ferrabraz, as crianças remanescentes foram entregues para famílias de origem alemã para serem educadas. De acordo com Guilherme Otto Maurer³⁰, em seus depoimentos (anexo 4):

²⁹ Leni Maurer é trineta de Jacobina e bisneta de Francisco, depoimentos colhidos em Outubro de 2001.

³⁰ Guilherme Otto Maurer neto de Francisco Carlos, depoimentos colhidos em outubro de 2001.

“(...) Vovô Francisco foi criado por um carpinteiro em Hamburgo Velho. O carpinteiro escondeu a verdadeira identidade do Francisco para que nada de mal pudesse lhe acontecer, ele tinha medo que pudessem fazer alguma coisa contra ele, pois continuavam a matar os mucker depois que mataram a Jacobina.”

Contudo, identidades são fontes mais importantes de significado do que papéis, por causa do processo de autoconstrução e individualização que envolve (CASTELLS, 2002). Em termos mais genéricos, pode-se dizer que identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções. Certamente que manutenção de uma identidade social perpassa pela própria integração identitária, compreendendo a formação dos processos sociais e a construção teórica de sua produção.

A identidade de Francisco é posta aqui em questão como um elemento chave da realidade subjetiva, e tal com o toda realidade subjetiva, acha-se com a dialética com a sociedade. A identidade é formada por processos sociais. Na continuação dos depoimentos, Guilherme relata que:

“(...) O Francisco desconhecia que sua verdadeira mãe era a líder dos mucker. Ele ouviu os filhos comentarem a verdadeira história e que os vizinhos diziam que havia livros que narravam o movimento dos mucker. O vovô Francisco não gostava de comentar o assunto e considerava um absurdo o que Jacobina havia feito e sempre evitava tocar no assunto. Se a gente pergunta va alguma coisa ele ficava bravo e não contava nada. Somente muitos anos após ter descoberto o fato é que permitia falar sobre o movimento dos mucker.”

Sendo assim, qualquer transformação que se opere nessa funcionalidade social, seguirá necessariamente à inversão dos valores de integração identitária. Inversamente, as identidades produzidas pela interação do organismo, da consciência individual e da estrutura social reagem sobre a estrutura social dada, mantendo-a, modificando-a ou mesmo remodelando-a. As sociedades têm histórias no curso das quais emergem particulares identidades. Estas histórias porém, são feitas por homens com identidades específicas.

E na possibilidade de se estabelecer relações de alteridade como os “de fora” que reside a capacidade do grupo de definir a sua identidade sustentada no pertencimento a uma localidade. O reconhecimento de um determinado espaço como próprio ao indivíduo, à família e ao grupo mais amplo, é informado pela memória coletiva herdada de gerações anteriores.

A memória coletiva informa também as mudanças adaptativas do grupo ao sugerirem respostas aos novos estímulos ou obstáculos: “um grupo que não tem memória de seu passado teria, sem dúvida, alguma dificuldade de desdobrar a imaginação de seu futuro através de tomadas de consciência sucessiva. Nos depoimentos de Leni Maurer Francisco era agricultor e exercia o ofício de carpinteiro nas horas vagas. Alguns de seus ancestrais também foram carpinteiros. Como as comunidades de Cerro Claro, Guassupi, Poço Redondo eram formadas por imigrantes alemães e se uniam para ajudar a comunidade os alemães então ajudaram a construir uma Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, em São Pedro do Sul. Francisco participou ativamente na construção da igreja e não cobrou nada pelo serviço. Abaixo a foto da construção da igreja na época (Figura 03).



Fonte: Arquivo Privado de Leni Maurer

Figura 03 - Na foto Francisco está á direita em cima de um andaime de calça branca.

Os filhos de Francisco foram alfabetizados tardiamente, pois não havia escola na comunidade de Poço Redondo. Anos após, abandonou a vida rural e fixou residência na cidade de São Pedro do Sul.

Tempos depois, por uma insatisfação pessoal ou genética, deixou de frequentar a Igreja de Confissão Luterana e passou a frequentar a Adventista. Porém, ambas integram a religião cristã. Nos depoimentos de Leni sua avó Lídia filha de Francisco dizia que ele ia visitar os parentes em Hamburgo Velho, inclusive em Porto Alegre e após uma visita dessas a parentes em Porto Alegre ele resolveu mudar de religião. Começou a guardar os sábados e não aceitava que Augusta acendesse o fogão à lenha, pois dizia que assim ela estaria desrespeitando os preceitos da Igreja.

Francisco fabricava instrumentos musicais como flauta, viola, violino e tocava com os amigos. Também fabricava móvel, e como de costume fazia os baús para as filhas guardarem o enxoval dentro. Francisco faleceu de problemas circulatórios em vinte e seis de fevereiro de 1949 e foi sepultado no Cemitério Municipal de São Pedro do sul e não no cemitério dos alemães por ter mudado de religião.

Na memória de Guilherme Otto, Francisco Carlos se avô era uma pessoa maravilhosa, ajudava os vizinhos emprestando dinheiro. Para outros emprestava dinheiro a juros.

Seu Waldomiro relata em seus depoimentos em relação a identidade dos mucker em São Pedro do Sul que:

“(...) Havia duas linhas de Maurer, os Maurer bons e os Maurer ruim. Alguns Maurer na época trabalhavam na prefeitura municipal de São Pedro do Sul, e quando acontecia alguma coisa errada na prefeitura atribuíam aos Maurer ruim que era os descendentes dos mucker os responsáveis pelos acontecimentos.”

Observa-se que memória histórica neste caso constitui um fator de identificação humana. Reconhecemos nessa memória o que nos distingue e o que nos aproxima.

Segundo Halbwachs os quadros de memória servem para nos dar uma noção histórica das nossas lembranças:³¹

“As lembranças coletivas viriam aplicar-se sobre lembranças individuais, e nos dariam assim sobre elas uma tomada mais cômoda e mais segura; mas será preciso então que as lembranças individuais estejam lá primeiramente, senão nossa memória funcionaria sem causa”.

³¹ Halbwachs, Maurice. A memória coletiva. P.59, 1990.

Identificamos a história e os seus acontecimentos mais marcantes – desde os conflitos às iniciativas comuns. E a identidade cultural define o que cada um é e o que nos diferencia uns dos outros.

Para seu Guilherme Otto, Jacobina desmoralizou a “raça” dos Maurer, não era uma pessoa boa, para ter matado toda aquela gente. Lamenta ser descendente de Jacobina.

Segundo ele os pais tinham que casar logo as filhas quando novas, para que ninguém soubesse que eram descendentes dos mucker, pois quando descobriam ficava difícil arranjar-lhes casamento.

Nessa perspectiva de Domingues para o movimento mucker é o que segue.³²

“ Descender de um mucker não é título de glória, mas também não é razão para alguém se envergonhar; outro tanto se aplica àqueles que provém de seus adversários: uns e outros, em maior ou menor grau, foram vítimas de um fenômeno coletivo avassalador, que lhes obliterou o senso das medidas e da justiça. Decorrido mais de um século, não mais se justifica que as atuais gerações continuem a alimentar ressentimentos ou a ser anatematizados em consequência de pecados dos avós!.”

Nas entrevistas realizadas com dona Ermelinda Jann Maurer, neta de Francisco Carlos, ela relata que sua mãe, dona Lídia não gostava de comentar sobre os mucker, quando falavam a noite em reunião familiar, tiravam os filhos da sala para que não ouvissem as histórias. Escondia no meio do colchão de palha uma foto que segundo os familiares seria a de Jacobina. Veja a foto abaixo segundo os familiares (Figura 04).

³² Domingues, Moacyr. A nova face dos mucker, p. 380, 1977 apud Gevehr 2007.



Fonte: Arquivo Privado de Leni Maurer
 Figura 04 - Jacobina Maurer

Mas se comparada às fotos de Jacobina em posse da família Maurer com a foto do Museu Histórico de Sapiranga e do Arquivo Histórico de Porto Alegre há divergências, pois se ela era uma mulher bonita, a foto acima contraria.

Nos estudos realizados por Daniel Gevehr sobre Jacobina afirma que³³:

“Vale lembrar que após o massacre de 1874, muitos dos sobreviventes adeptos dos mucker optaram pelo silêncio, mudando-se para lugares distantes do Ferrabraz. Para assim poderemos reconstruir suas vidas abaladas pelo conflito, o que equivale dizer que o morro se “esvaziou” da presença Mucker no final do século XIX”

As representações sociais criadas em torno dos descendentes Mucker foi marcante na vida dos descendentes mucker de São Pedro do Sul. Foram considerados culpados pelo que seus antepassados fizeram. Perderam sua auto-estima e muitos até hoje receiam em comentar o assunto. Seu Guilherme não gosta de contar nada e quando fala de Jacobina atribui toda a culpa à ela. Jacobina deixou marcas negativas. Criaram uma identidade negativa, foram pessoas mal vistas pela sociedade de São Pedro do Sul, Francisco tratava de casar logo as filhas antes que o pretendente soubesse do acontecido.

³³ Daniel Luciano Gevehr. Pelos caminhos de Jacobina, p 262, 2007.

CONCLUSÃO

A marca da revolta dos camponeses de Sapiranga (Mucker) na vida de um dos seus descendentes e possíveis reflexos do fato na vida camponesa no RS foi o trabalho aqui apresentado. Dos autores que trataram deste movimento destaca-se duas, M.I.P. Queiroz (1977) e J. Amado (1978), que produziram trabalhos dedicados ao caso dos Mucker. Maria Isaura abraça os Mucker no grande tipo dos movimentos rústicos, mas reconhece as dificuldades de um enquadramento tipológico satisfatório porque, de acordo com a autora, eles não foram produto de uma situação de anomia (ruptura da estrutura social) mas da “estratificação de uma sociedade igualitária”.

A estratificação caracterizaria uma crise que teria levado à “reação messiânica”. (Pereira de Queiroz, 1977, p.311). Janaína Amado (1978) alicerça sua análise sobre a idéia de que a população que aderiu ao movimento messiânico estava empobrecendo e amarra esta idéia à de que houve um choque (crise) entre o “modo de produção auto-suficiente”, típico dos primeiros vinte anos da colonização alemã no sul do Brasil, e o “modo de produção capitalista” que se instalava na região a partir de 1845. A perspectiva destas autoras é a da explicação causal e a ênfase sobre as condições que possibilitam a eclosão do movimento fica especialmente clara em J. Amado, uma monografia que dedica seu belo capítulo inicial à caracterização histórica da ex-colônia alemã de São Leopoldo, antes da crise.

Nesse sentido, a pesquisa ressaltou que o movimento causou muitos problemas na vida dessa família, fazendo que os descendentes tivessem sua auto-estima fortemente reprimida.

A trajetória de Francisco Carlos Maurer e os descendentes Mucker são representativos do trajeto dos imigrantes alemães da área colonial que tiveram de migrar para outras regiões do

Estado. A área de colonização, no seu desenvolvimento, criou novas contradições-a revolta dos Mucker expressa isto-, nem todos tiveram a mesma sorte, alguns tiveram de migrar novamente. Francisco Carlos foi um desses.

O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, nos depoentes é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. No caso de Francisco as lembranças quanto ao movimento não há, seria uma criança de quatro anos e podemos dizer que, em todos os níveis, dos depoentes a memória seria um fenômeno construído social e individualmente, pois fora as conversas que ouviam quando crianças, a memória desses são baseadas em livros contados por vizinhos e quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, quando esses não querem se identificar com os descendentes mucker, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.

Assim nota-se nos depoimentos, que Guilherme não se identifica como um descendente mucker. Contrário às atitudes de Jacobina, onde não admite o que ela fez no passado e admite ter ela desmoralizado a familiar Maurer. E nessa perspectiva sobre a memória:³⁴

Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que *a memória e a identidade são valores disputados* em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos. Todo mundo sabe até que ponto a memória familiar pode ser fonte de conflitos entre pessoas.

Mas o que se questionou no trabalho aqui foi a identidade reprimida dos descendentes mucker. Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, da identidade individual ou coletiva?

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que se chamaria de "vividos no anonimato", ou seja, acontecimentos vividos

³⁴ Pollack, Michael. *Memória e Identidade Social*. P 200, 1992.

pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente em não pertencer. O caso do movimento mucker. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Na entrevistas realizadas é perfeitamente possível observar que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorreu um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. De fato podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação.

Além desses acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa. Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares.

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu que é o caso de Guilherme Otto quando na infância ia passar as férias na casa de seu avô Francisco Carlos e onde podia escutar as histórias sobre os mucker.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Janaína. **Conflito Social no Brasil: A Revolta dos “muckers”**. São Paulo: Símbolo, 1978.

BARBOSA, Fidélis Dalcin. **Os fanáticos de Jacobina** (os Muckers). 2 ed. Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Porto Alegre, 1984.

BIEHL, João Guilherme. **JAMMERTHAL, O vale da Lamentação: Crítica à construção do Messianismo Mucker**. (Dissertação de mestrado do Programa de Pós Graduação em Filosofia) Santa Maria: UFSM, 1991.

_____. A guerra dos imigrantes: o espírito alemão e o estranho mucker no sul do Brasil. In: **Psicanálise e colonização: leituras do sintoma social no Brasil**. Edson L. A. de Sousa (Org). Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999. P. 148-168.

CUNHA, Jorge Luiz da. A Alemanha e seus emigrantes. In: **Imigração Alemã no Rio Grande do Sul: História, Linguagem, educação**. CUNHA, Jorge Luiz da, Gärtner, Angelika. (org.) - Santa Maria: Ed. UFSM, 2003. p. 17-58

DICKIE, Maria A. Schimidt. **Afetos e Circunstância: Um estudo sobre os Mucker e seu tempo**. (Tese de Doutorado do Programa de Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) São Paulo: USP, 1999.

_____. **Milenarismo em contexto significativo: os Mucker como sujeitos**.1999. www.ifcs.br/jornadas/papers. Acessado em outubro de 2003.

DOMINGUES, Moacyr. **A Nova Face dos Muckers**. São Leopoldo: Rotermond, 1977.

FILATOW, Fabian. **Do sagrado à Heresia: O caso dos Monges Barbudos (1935- 1938)**. (Dissertação de mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-graduação em História da UFRGS). Porto Alegre: UFRGS, 2002.

FRISCH, Michael. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: **Usos & abusos da História Oral**. 5º ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 65-91

GERTZ, René. **O perigo alemão**. 1ª Edição. Porto Alegre: Editora da Universidade /UFRGS, 1991.

GEVEHR, Daniel Luciano. **FANÁTICOS, VIOLENTOS E FEROSOS LIDERADOS POR JACOBINA ENDIABRADA: AS REPRESENTAÇÕES ANTI-MUCKER EM “O FERRABRAZ” (1949-1960)**. Dissertação de Mestrado Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS Centro de Ciências Humanas Programa de Pós-Graduação em História. São Leopoldo 2003.

_____. **Pelos caminhos de Jacobina: memória e sentimentos (res) significados.** Tese de doutorado Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS Centro de Ciências Humanas Programa de Pós-Graduação em História. São Leopoldo, 2007

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais.** Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

HAAG, Ernani. Entrevista sobre os dados genealógicos de Jacobina Maurer. Saporanga, Jan. 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Vértice. 1990.

HANBURGO VELHO. Livro I da comunidade Evangélica de Hamburgo Velho (1845 a 1886).

LANTERNARI, Vittorio. **As religiões dos oprimidos:** um estudo dos modernos cultos messiânicos. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MAURER, Ermelinda. Entrevista sobre Augusta Klein e Francisco Carlos Maurer. Santa Maria, Out. 2001.

MAURER, Guilherme Otto. Entrevista sobre os aspectos da vida de Francisco Carlos Maurer. São Pedro do Sul, Out, 2001.

MAURER, Leni. Entrevista realizada sobre sua avó Lídia Maurer filha de Francisco. São Pedro do Sul, Out. 2001.

MAURER. Waldomiro. Entrevista sobre a convivência infantil de Waldomiro com Francisco Carlos Maurer. Ao Pedro do sul, Out. 2001.

MILANI, Clarice. RISCTER, Eneida Isabel S. Os Reflexos do Movimento dos Mucker na vida de Francisco Carlos Maurer e de sua descendência. In: **Caderno de Arquivologia.** Santa Maria: UFSM, 2002. nº1, p. 216-230.

PETRY, Leopoldo. **O Episódio do Ferrabraz** (Os Mucker). 2. ed. São Leopoldo: Rotermond, 1966.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento e silêncio.** *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 3 (3): 3-15, 1989.

_____. **“Memória e Identidade Social”.** Revista Estudos Históricas. Rio de Janeiro: vol.5, nº10, 1992.

PORTO, Aurélio. **O trabalho alemão no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Messianismo no Brasil e no Mundo.** São Paulo: ALFA-OMEGA, 1977.

RICHTER, Eneida I. S, GARCIA, Olga C. **Introdução à Arquivologia**. Santa Maria, editora da UFSM, Santa Maria, 1999.

ROCHE, Jean. **A colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. I Vol. Porto Alegre: Globo, 1969.

SANT'ANA, Elma. **Jacobina Maurer**. Porto Alegre: Tchê! Comunicações LTDA., 1985.

_____. **Minha Amada Maria-Cartas dos mucker**. Porto Alegre: Editora da ULBRA, 2004.

SCHUPP, Ambrósio. **OS MUCKERS**. Episódio histórico extraído da vida contemporânea nas colônias Alemãs do Rio Grande do Sul. 3 ed. Trad. Alfredo Clemente Pinto. Porto Alegre: Selbach, s/d.

TRAMONTINI, Marcos Justo. **A organização social dos imigrantes: A Colônia de São Leopoldo na fase pioneira (1824-1850)**. São Leopoldo: UNISINOS, 2000.

VELHO, Otávio. O cativo e a besta-fera. In **Religião e Sociedade**, UFSC: Ed. da Universidade, 1988, 26.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AMSTAD, Theodor. **Cem anos de Germanidade no Rio Grande do Sul 1824-1924**. Trad. Arthur Blásio Rambo. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1999

DER Mucker Prozess. **Koseritz VolksKalender**, Porto Alegre, p. 133-141, 1879.

DIÉGUES, Júnior Manuel. **IMIGRAÇÃO, URBANIZAÇÃO E INDUSTRIALIZAÇÃO**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1964.

GIUMBELLI, Emerson. Religião e (des) ordem social: Contestado, Juazeiro e Canudos nos estudos sociológicos sobre movimentos religiosos. In: **DADOS**. 1997. 40; 2 p. 251-282

GUAZZELLI, César Augusto, et al. (org). **Questões de teoria e metodologia da História**. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 2000.

GUTFREIND, Ieda, A **Historiografia Rio-Grandense**. 2º ed. Porto alegre: Ed. UFRGS, 1998.

HUNSCHE, Carlos Henrique. O Biênio 1824/1825 da Imigração e Colonização alemã no Rio grande do sul (Província de São Pedro). Poeto Alegre: A Nação, 1975.

LEAL, José C. Rodrigues. **São Pedro do Sul, antigo**: (registros históricos). Santa Maria: Infograph Gráficas, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. 4 ed. Campinas: UNICAMP, 1996.

MAGALHÃES, Marionilde. **Alemanha, mãe pátria distante**. Utopia Pangermanista

no sul do Brasil. (Tese de Doutorado. Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) São Paulo: Unicamp, 1993.

MARTINS, José de Souza. **OS CAMPONESES E A POLÍTICA NO BRASIL**. As lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo Contexto, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de **Campesinato Brasileiro**. São Paulo: Vozes, 1973.

THOMPSON Paul. **A voz do Passado**: História Oral. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOURAINÉ, Alain. **Palavra e Sangue**. Política e Sociedade na América Latina. Trad. Iraci D. Poleti. Campinas: UNICAMP, 1989.

ANEXOS

ANEXO 1

Dados pesquisados no livro de Registro I, da Comunidade Evangélica de Hamburgo Velho.

Livro de Registro I, da Comunidade Evangélica de Hamburgo Velho. 1848 a 1886.

Transcrito do original.

Traduzido por Gaspar Henrique Stemmer, a transcrição foi feita durante o ano de 1992. O texto original está em grafia manuscrita gótica, em alemão.

Registro da Comunidade Evangélica dos Três Reis Magos, em Hamburgo Velho, no quarto distrito de São Leopoldo, província do Rio Grande do Sul, Império do Brasil.

Batismos de crianças parentes de Jacobina Mentz

18/10/1856 – Franz Peter Mentz * 01/10/1856, filho de Franz Mentz e Elizabeth Klein.

Padrinhos: Franz Klein, Peter Mentz, Elizabeth Mentz, Sophie Müller.

08/07/1860 – Karoline Mentz. *17/05/1860, filha de Franz Mentz e Elizabeth Klein. Padrinhos: Heinrich Mentz e Karoline Klein.

15/09/1861 – Peter & Heinrich Mentz. *23/08/1861, gêmeos de Peter Mentz e Elizabeth Diefenthäler. Padrinhos de Peter: Peter e Karoline Diefenthäler. Padrinhos de Heinrich: Heinrich Mentz e Margarethe Diefenthäler.

18/10/1863 – Franz Mentz. *25/09/1863, filho de Peter Mentz e Elizabeth Diefenthäler.

Padrinhos: Franz e Elizabeth Mentz.

11/07/1865 – Elizabeth Mentz. *01/06/1865, filha de Peter Mentz e Elizabeth Diefenthäler.

Padrinhos: Karl e Elizabeth Einsfeld.

24/02/1867 – Karl Leopold Mentz. *29/01/1867, filho de Peter Mentz e Elizabeth Diefenthäler.

Padrinhos: Karl Diefenthäler e Karoline Mentz.

30/05/1867 – Jakob Maurer. *19/05/1867, filho de Johann Georg Maurer e Jakobine Maurer.
Padrinhos: Jakob Mentz, Jacob Maurer, Karoline Mentz e Philippine Maurer.

30/01/1869 – Jakob Mentz. *07/01/1869, filho de filho de Peter Mentz e Elizabeth Diefenthäler.
Padrinhos: Jakob Mentz, Jakob Leiser, Dorothea Hauptert e Karlotte Leiser.

22/10/1870 – Elizabeth Mentz. *09/10/1870, filha de Jakob Mentz e Dorothea Hauptert.
Padrinhos: Karl e Elizabeth Einsfeld, Peter e Elizabeth Hauptert.

12/12/1870 – Georg August Rosa Wasum. *30/08/1870, filho de Valentin Wasum e Katharine Foernges. Padrinhos: Georg Maurer, Luis Kampff, Peter Rosa Wasum, Jakobine Maurer, Wilhelmine Foerges e Christine Richter.

16/07/1871 – Albert Mentz. *05/07/1871, filho de Peter Mentz e Elizabeth Diefenthäler.
Padrinhos: Georg e Jakobine Maurer, Heinrich e Maria Schmidt.

7/09/1872 – Emilie Mentz. *21/07/1872, filha de Jakob Mentz e Dorothea Hauptert. Padrinhos: Johann Georg e Jakobine Maurer, Adam Hauptert e Karoline Mentz.

11/10/1873 – Augustine Klein. *22/08/1873, filha de Heinrich Klein e Karoline Richter.
Padrinhos: Karl Klein e Elizabeth Richter.

Casamentos de parentes de Jacobina Mentz

13/04/1855 – Johann Georg Klein, professor (foi também pastor envolvido no caso *Mucker*), alemão, filho de Georg e Maria Klein, c.c. Katharine Mentz, daqui, filha de Andreas, +, e Elizabeth Mentz.

02/06/1860 – Peter Mentz, daqui, filho de Andreas Mentz, +, e Maria Elizabeth Müller, c.c. Elizabeth Diefenthäler, daqui, filha de Peter Diefenthäler e Margarethe Schmidt, +.

29/07/1860 – Karl Einsfeld, daqui, filho de Johann friedrich, +, e Katharine Einsfeld, c.c. Elizabeth Mentz, daqui, filha de Andreas Mentz, +, e Maria Elizabeth Müller, c.c.

26/05/1866 – (Johann) Georg Maurer, daqui, 25 anos, filho de Karl Maurer e Maria Barbara Voltz, c.c. Jakobine Mentz, daqui, 24 anos, filha de Andreas Mentz, +, e Maria Elizabeth Müller. Padrinhos: Johann Georg Maurer e Franz Mentz.

04/02/1869 – Jakob Mentz, daqui, 29 anos, filho de Andreas Mentz, +, e Maria Elizabeth Müller, c.c. Dorothea Hauptert, daqui, 20 anos, filha de Johann Adam Hauptert e Dorothea Helfenstein, +.

26/11/1854 – Franz Mentz, daqui, filhod e Andreas e Maria Elizabeth Müller, c.c. Elizabeth Klein, filha de Jakob Maria Klein.

Falecimentos de parentes de Jacobina

10/07/1851 – Andreas Mentz, das terras de Koburg, *12/05/1789, +08/07/1851.

07/02/1866 – Elizabeth Mentz, filha de Peter Mentz e Elizabeth Diefenthäler, *01/06/1865, +06/02/1866.

29/01/1866 – Franz Mentz, filho de Peter Mentz e Elizabeth Diefenthäler. *25/09/1863, +28/01/1866.

12/01/1862 – Peter Mentz, filho de Peter Mentz e Elizabeth Diefenthäler. *23/08/1861, +11/01/1862.

24/01/1862 – Heinrich Mentz, filho de Peter Mentz e Elizabeth Diefenthäler, gêmeo do Peter acima. *23/08/1861, +23/01/1862.

Confirmação ou crisma

04/06/1846 – Katharine Mentz e Elizabeth Mentz

02/04/1854 – Jakobine Mentz

01/04/1855 – Karoline Mentz

05/04/1857 – Peter Mentz

ANEXO 2

Genealogia da Família Maurer

Jacobina Mentz Maurer casou-se com João Jorge Maurer na capela da Piedade, Hamburgo Velho (RS) e tiveram os seguintes filhos.

- Jacob Maurer
- Henrique Maurer
- **Francisco Carlos Maurer**
- Matilde Maurer
- Aurélia Maurer
- Leidart a suposta filha (Leidart, que significa duro no sofrimento).

Francisco Carlos Maurer casou-se com Augusta Klein em 1º de Julho de 1893 em São Leopoldo e partindo para Poço Redondo, interior de São Pedro do Sul tiveram os seguintes filhos:

- Hilda Maurer nasceu em 15/04/1894
- Gervin Maurer nasceu em 23/08/1896 e faleceu com dezessete anos (suicídio).
- Alvino Jorge Maurer nasceu em 08/08/1898
- Nelda Maurer nasceu em 28/02/1902
- Lídia Maurer nasceu em 19/07/1905
- Ilga Maurer nasceu em 12/08/1908
- Wilma Maurer nasceu em 03/07/1911

A quinta filha de Francisco Carlos Maurer casou-se com Rudolfo Jacob Maurer e tiveram os seguintes filhos:

- Guilherme Otto Maurer nasceu em 23/12/1923
- Ermelinda Ilga Maurer

Guilherme Otto Maurer neto de Francisco Carlos Maurer casou-se com Erna Scholz e tiveram os seguintes filhos:

- Erno Areli Maurer nasceu em 27/02/1947
- Leni Maurer nasceu em 29/02/1948
- Arloni Maurer nasceu em 24/06/1950
- Arnildo Maurer nasceu em 04/12/1951
- Arloi Maurer nasceu em 18/08/1952
- Beatriz Maurer nasceu em

Viúvo da primeira esposa, Guilherme casou-se em segundas núpcias com Nair Einloft, também viúva e com quatro filhos. Tiveram deste segundo casamento duas filhas;

- Márcia Einloft Maurer nasceu em 07/11/1972
- Rita Einloft Maurer nasceu em 13/12/1975

Leni Maurer, trineta de Jacobina e bisneta de Francisco Carlos casou-se com Arno Walter Maurer e tiveram os seguintes filhos:

- Sérgio Maurer nasceu em 31/12/1973
- Aline Maurer nasceu em 03/03/1979

ANEXO 3

Carta de Rudolfo Maurer, esposo de Lidia Maurer

ANEXO 4

Entrevistas realizadas com os descendentes

ANEXO 5

Certidão de óbito de Gervin Maurer

